

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

MARIA PATRÍCIA DA SILVA

INTUIÇÕES E MEMÓRIAS:
processos criativos na formação em Dança

GOIÂNIA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Maria Patrícia da Silva

Título do trabalho: Intuições e Memórias: processos criativos na formação em Dança

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Patrícia Da Silva, Discente**, em 16/02/2024, às 13:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elisa Abrao, Professora do Magistério Superior**, em 19/02/2024, às 14:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4376749** e o código CRC **9E627D47**.

MARIA PATRÍCIA DA SILVA

**INTUIÇÕES E MEMÓRIAS:
processos criativos na formação em Dança**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Dança como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Dança pela Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Abrão.

GOIÂNIA

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

da Silva, Maria Patrícia
Intuições e Memórias: processos criativos na formação em Dança
[manuscrito] / Maria Patrícia da Silva. - 2024.
xlvii, 46 f.

Orientador: Profa. Dra. Elisa Abrão.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),
Dança, Goiânia, 2024.

Inclui fotografias.

1. Processo de criação. 2. Memórias. 3. Mídia. 4. Formação em dança e
intuição. I. Abrão, Elisa, orient. II. Título.

CDU 793.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **29/01/2024**, às **15h15min**, de forma **presencial**, na **sala de Dança 1 da FEFD-UFG**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**Intuições e Memórias: processos criativos na formação em Dança**”, de autoria de **Maria Patrícia da Silva**, do curso de **Dança - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Elisa Abrão - orientadora FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Dra. Ana Maria Alonso Krischke - FEFD/UFG** e **Prof. Dr. Alexandre Donizete Ferreira - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante realizando algumas sugestões. Posteriormente, de forma reservada, a banca examinadora considerou o TCC **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Maria Alonso Krischke, Professor do Magistério Superior**, em 15/02/2024, às 17:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Donizete Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2024, às 12:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elisa Abrao, Professora do Magistério Superior**, em 19/02/2024, às 08:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4344383** e o código CRC **6EEFA726**.

Aos meus pais Júlia Maria e Cândido Antônio (*in memoriam*)

RESUMO

Essa pesquisa tem como eixo central os processos de criação desenvolvidos durante a graduação em Licenciatura em Dança. Em uma aproximação de análise composta de três eixos. No primeiro eixo, referências midiáticas e memórias infantis que foram identificadas como participantes do processo do ato de criar, no segundo eixo, a ampliação do conceito de dança, e no terceiro eixo as relações com a intuição, como um dos elementos que sustentou os processos de criação desenvolvidos.

Palavras-chaves: Processo de criação, memórias, mídia, formação em dança e intuição.

ABSTRACT

This research has the creative processes developed during the Dance degree as its central axis. In an analysis approach composed by three axes. In the first axis, media references and children's memories that were identified as participants in the creative process, in the second axis, the expansion of the concept of dance, and in the third axis, relationships with intuition, as one of the elements that supported the developed creative processes.

Keywords: Creation process, memories, media, dance degree and intuition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
CAPÍTULO I - Memórias de minha infância midiática	4
CAPÍTULO II - Experiências e conceitos de dança:possibilidades de ampliações ..	13
II.I Arte e Estética.....	15
II.II Educação Somática e Dança.....	18
II.III Processos Criativos em Dança I.....	20
CAPÍTULO III - A INTUIÇÃO	24
III.I Saber sem entender.....	24
III.II A intuição no processo criativo “Fé”	25
III.III Caminhos intuitivos no processo de “A natureza que nos Re(veste)”.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Me vejo, a rodopiar pela sala da minha casa, com um lençol amarrado no pescoço. Na pick up vermelha, tocava a faixa "Automatic Lover", interpretada por Dee D. Jackson. Imito os gestos da cantora e do robô, que visualizei em um videoclipe, que passou em um programa de televisão. São essas as minhas recordações dos meus primeiros passos dançados.

Segui pelos “bailes da vida”, com o fole da Sanfona, a guitarra do Rock, a viola da Folia de Reis, o batoque do Zé Pereira, até chegar ao curso de Dança. E nesse trajeto, confiei em minha intuição e a utilizei como aliada na criação dos meus processos criativos.

Através da combinação entre intuição, saberes, conhecimentos adquiridos no curso de Dança e experiências de vida, sejam elas artísticas como a fotografia, as brincadeiras infantis e na estética da dança de alguns artistas da mídia, surgiram diversas criações nas disciplinas práticas. Portanto, para a construção dos meus processos criativos, escutei a minha intuição, revisei as paredes da minha memória e improvisei. Foi assim, que surgiu a vontade de investigar o trançado: dança, intuição e memória. Esses três elementos que dialogam com a bibliografia foram a base de como foi feito o texto do TCC.

Neste trabalho compartilho a descrição de registros de processos criativos que motivaram a feitura de um memorial descritivo, que demonstra minha ampliação do conceito de dança e técnica, permeadas por saberes diversos dos processos de criação.

Quando fui apresentar o primeiro capítulo na disciplina de Núcleo Temático de Pesquisa I, o foco central da pesquisa era intuição e o lugar que apareceu para isso, foi o relembrar e o visitar uma experiência da minha infância a qual comentei no primeiro parágrafo deste texto. Uma apresentação demonstrando onde perceber os fluxos de uma dimensão com a mídia e aos poucos foi percebida de diferentes modos compondo o que sustentava as minhas práticas em processos de criação, no pensamento sobre figurino, sobre personagens, sobre imaginários do que era ser artista. E esse lugar começou a compor e se fazer como um capítulo, percebi que essas referências midiáticas, permeou o meu fazer, tanto pelo gesto do rodopiar quanto pelos brilhos e outros elementos. Para a metodologia usei os meus diários de campo, os registros das disciplinas, analisei os meus processos de criação, a prática como pesquisa, percebendo a prática da artista que cria. No criar analisei a partir dos registros fotográficos, dos cadernos que tenho, as práticas artísticas e a memória que essas práticas artísticas deixaram no meu corpo.

Entro com 44 anos para fazer o curso, me identificava como alguém que gostava de dançar e não tinha técnicas. Revisei os meus processos de criação e fui me entendendo e

percebendo as bases que me constituem como artista. Não percebia que tinha saberes e perguntava como consegui fazer. No primeiro capítulo vou para memórias que compõem a minha subjetividade, o meu imaginário sobre ser artista, passo pelas minhas referências na mídia. Com isso desenvolvi no segundo capítulo, uma reflexão sobre como a trajetória das disciplinas de dança ampliaram o meu conceito de dança e fizeram com que eu percebesse outros saberes, como a fotografia e outras mais, compondo os meus fazeres criativos. E no terceiro capítulo reconheço a intuição como elemento que tem um toque de magia, de mistério e dos saberes do corpo compondo os meus fazeres artísticos.

Estudo o meu processo de criação como eixo do TCC, com o objetivo de perceber quais são essas camadas que se sobrepõem nos fazeres artísticos que eu desenvolvi durante o curso. É uma revisitação do processo de formação que desencadeou na ênfase dos processos criativos, onde me reconheço como artista nos processos desenvolvidos.

CAPÍTULO I

Memórias de minha infância midiática

Nasci em 1975, sou a caçula de onze irmãos e cresci no meio das festanças. No final da década de 1970, houve a explosão da Disco Music. As festas caseiras que aconteciam nos finais de semana na minha cidade eram chamadas de "Brincadeira". Mesmo com quatro anos de idade, lembro de participar quando as festas eram na minha casa. Sempre havia um momento em que eu dançava para os convidados.

Me vejo, a rodopiar pela sala da minha casa, com um lençol amarrado no pescoço. Na pick up vermelha, tocava a faixa "Automatic Lover", interpretada por Dee D. Jackson. Segui, imitando os gestos da cantora e do robô, que visualizei em um videoclipe que passou em um programa de televisão.

Foi pela tela da televisão e pelas ondas do rádio que conheci artistas que tenho como referências dançantes. Meus primeiros passos de dança foram influenciados pela cantora Dee D. Jackson. Repeti essa apresentação inúmeras vezes nas festas que aconteciam em minha casa.

Compartilho na sequência a capa do EP da artista Dee D. Jackson, o qual leva o nome da música Automatic Lover.

Imagem 1 - Capa do EP



Fonte: online¹

¹https://www.discogs.com/pt_BR/release/1173639-Dee-DJackson-Automatic-Lover/image/SW1hZ2U6MzE3MTE1MTU=

Neste trabalho reconheço e revisito essa experiência dançante de minha infância. Um primeiro ponto é minha relação com a letra da música. No caso dessa música, sempre traduzi o título dela de forma errada, por um jogo de associação de literalidade, em que pensava ser *Amor Automático*, sem a preocupação em saber o que o restante da letra dizia.

Agora, fazendo este memorial, passeando por minhas memórias infantis, procurei a tradução completa e fui surpreendida com os seus dizeres. Imagino que se na época os meus pais soubessem a tradução das palavras cantaroladas, talvez não teriam me deixado dançar.

Compartilho um trecho da música com vocês:

Nothing to caress
Not a hand to hold
I don't need that touch
'Cause his body's cold
He's programmed to receive
Automatic satisfaction
Auto love is dead
Was his true reaction

(Gary Unwin, Patty Unwin e Deirdre Cozier, 1978)

Tradução

Nada para acariciar
Nenhuma mão para segurar
Eu não preciso desse toque
Porque o corpo dele está frio
Ele está programado para receber
Satisfação automática
Após fazer amor
Onde está a reação verdadeira?
(Tradução feita por Renata de Mello)

Na minha inocência infantil, achava que a cantora só estava brincando com o robô. Não imaginava que o diálogo entre eles, na música, fosse sobre um relacionamento amoroso frio, distante e sem compromisso, com questionamentos sobre a falta de sentimentos envolvidos. Sou de uma geração que os pais monitoravam o que os filhos assistiam na televisão se orientando pela classificação etária e pelas próprias imagens, ao mesmo tempo que eles mesmos contemplavam a programação. Sendo assim, tive a sorte dos meus pais não se aterem à letra da música, pois se fosse uma música traduzida para o português eles teriam argumentado sobre os dizeres sensuais e de duplo sentido, provavelmente barrando a minha livre criação coreográfica.

Assistindo aos programas de televisão, entre eles, destaco os de auditório, conheci artistas brasileiros e estrangeiros, que foram compondo as minhas referências dançantes. Como os cantores: Madonna, Michael Jackson, Elvis Presley, Gretchen, Sidney Magal, Ney Matogrosso e tantos outros. Com estes artistas, fui remexendo o corpo e fazendo a playlist da minha vida.

Amo música e foi difícil entender quando entrei no curso, que para a dança acontecer não precisa de música. As minhas criações geralmente começam pela escolha musical.

Os filmes musicais também entraram para o meu mundo dançante, como: *Flashdance*, *Dirty dancing*, *Embalos de sábado à noite*, *Grease*, *Footloose*, *Xanadu* e *Os Saltimbancos Trapalhões*. E as músicas do grupo infantil, *A Turma do Balão Mágico*, embalaram sequências gestuais em várias coreografias caseiras. Nessa época, eu nem imaginava que o mundo da dança fosse bem mais amplo do que se passava na telinha.

Estes artistas, filmes e programas, povoaram desde minha infância, meu imaginário e fazeres de dança. Minha relação com estes artistas é de admiração e respeito por suas criações, das quais absorvi e absorvo o que acho interessante. Aponto isso pois não gostava de copiar as coreografias das minhas referências, sempre criei as minhas. É claro que, como telespectadora de vários programas televisivos, principalmente os musicais, esses influenciaram os meus modos de criar, mas sempre dei o meu toque pessoal.

Percebo que esse não desejo de copiar coreografias seguiu pela minha adolescência, pelos bailes e festas que eu frequentava. Sempre ficava dançando na minha, uma dança que mistura referências midiáticas e minhas singularidades. A capacidade de criar não vem só de nós mesmos, temos referências, que podem ser imitadas ou recriadas.

Concordo com os dizeres de Giddens quando reflete sobre as relações entre dança e as mídias. O autor afirma que “ao observar ou mesmo experimentar os passos dessas danças, o espectador também constrói a sua própria rede de interpretações, tanto ao deixar se seduzir,

quanto ao estabelecer outro tipo de interação e até mesmo contrapor-se a elas. (GIDDENS apud TOMAZZONI, 2005, p.48-49).

Minha imaginação infantil transformava a dança do robô e de Dee D. Jackson. Eles eram as referências, mas não definiam meu imaginário e possibilidade criadora. Minha experiência reafirma o que Giddens, citado por Tomazzoni, afirma que “uma pessoa pode usar a diversidade de modo a criar uma auto-identidade distinta que incorpora positivamente elementos de diferentes cenários numa narrativa integrada” (GIDDENS apud TOMAZZONI, 2005, p.49).

Quando lembro da criança que eu fui, dançando a música “Automatic Lover”, percebo que a imagem do videoclipe ficou gravada de uma maneira diferente em mim. Não tinha preferência pela cantora ou pelo robô. Mesclava os dois no meu corpo, dando asas a minhas coreografias infantis. Mesmo sem saber na época, hoje tenho a percepção que usei a rede de interpretações que Tomazzoni fala em seu artigo “Zoológico dançante na TV: lacraias, cachorras, tigrões e outros bichos”. Utilizei o que achava interessante nos movimentos do robô. Recriei os gestos da cantora com a sua capa e interagi com a melodia da canção. No meu imaginário infantil o que importava era a brincadeira e o que eu entendia era isso, os dois estavam brincando no videoclipe. Não imaginava que a encenação entre eles tivesse outra narrativa, que só descobri por agora.

Ao apresentar minha pesquisa na disciplina de Núcleo Temático de Pesquisa I, ministrada pelo professor Dr. Rafael Guarato dos Santos, retomei minha performance de infância da música "Automatic Lover". Não tinha programado fazer a performance, saiu no impulso. Estava no fundo da sala, esperando a bateria do celular carregar para passar a música e depois ler a introdução. Chegou a minha vez, coloquei a música, de repente, saí do fundo da sala rodopiando e quando cheguei na frente, comecei a imitar os gestos do robô, com movimentos lentos, caminhei com os braços à minha frente, alternando os antebraços, enquanto um subia outro descia. Depois, por uma parede imaginária, passei as mãos abertas, subindo e descendo pelas laterais. Fiquei contente com a empolgação da devolutiva dos colegas que perceberam ideias para uma possível performance no dia da apresentação do TCC.

Na apresentação senti o sopro da intuição que juntamente com as memórias, me acompanharam durante o percurso acadêmico. Só agora faço a comparação dessa apresentação com a que eu fazia na minha casa, para a minha família e conhecidos.

Vejo nessa revisitação inesperada à minha coreografia infantil, alguns diferenciais a analisar. Um deles seria o espaço, que não tinha sido pensado para a apresentação, e mesmo

assim, fui sem me preocupar em esbarrar nas cadeiras, que estavam enfileiradas à minha frente, ou cair. Acrescentei mais gestos quando imitei o robô, mais do que eu fazia na performance infantil. A ausência da capa se fez presente em meus giros, assim como um alívio e alegria por ter conseguido fazer a apresentação do trabalho. O que foi acionado pela minha memória, me proporcionou reviver por alguns instantes, os meus primeiros passos dançados.

Na imagem de infância não percorria a frieza da máquina, uma relação automática ou outras dimensões possíveis de se ter com a letra da música. Meu imaginário era povoado de outras relações e jogos, mais vinculadas às relações do corpo e do brincar. Como afirma o psicanalista inglês Winnicott: “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem de sua liberdade de criação” (WINNICOTT apud MACHADO, 2010, p.131).

No contexto de criações na graduação em Dança esses saberes e experiências são revisitados, observo a diferença entre o que ouvia e interpretava na infância, e como hoje, essas experiências povoam meu imaginário e são referências para o meu dançar.

Flertei com a cantora e o robô e isso confere a liberdade de criação de uma criança. Naquele momento me desdobrei em duas personagens ao mesmo tempo. Performei com o meu brincar, o que distancia de uma representação, pois eu vivi o momento do meu jeito e não como uma cópia. E hoje reconheço que o brincar continuou habitando o meu fazer performativo. O brincar que fez um elo com a minha dança, proporcionando uma linguagem corporal mais sutil, expressando a minha escolha estética. O meu brincar infantil partia da imaginação, pois na época eu não tinha brinquedos, criava os meus em cima das imagens televisivas, inventava o meu mundo no quintal de casa.

No espaço da sala onde eu brincava, fixava o olhar na televisão para não perder o contato com os personagens e me tornando dessa forma, uma terceira personagem da narrativa. Sem ter noção naquele momento, virei a protagonista da brincadeira, dancei, reproduzi os movimentos das duas figuras, que estavam jogando comigo. Revelava-se nestas experiências “a criança performer – alguém no [...] exercício de viver o corpo numa situação de liberdade para a criação” (GARROCHO apud MACHADO, 2010, p. 130).

Muitas eram as brincadeiras dançantes que vivenciei na infância.

“Gretchen bolete pisa no chiclete,
quem mexer primeiro vai imitar a Gretchen”

Esses dizeres são de uma brincadeira feita no recreio da escola, no primário. Os que participavam da brincadeira cantavam a música e quando ela terminava tinha que ficar parado, sem mexer. Quem mexia imitava o rebolado da Gretchen. Ninguém se importava de mexer, pois todas as colegas e eu também, queríamos fazer a imitação. Uma imitação que reluzia o olhar fiel ao sujeito imitado, enquanto éramos livres para criar o brincar. O brincar predominava o eixo da locomoção autêntica da construção da brincadeira.

Os artistas que eu assistia na televisão usavam figurinos e maquiagens extravagantes. Os macacões de Elvis Presley e Sidney Magal, os maiôs da Gretchen, as capas da Dee D. Jackson, as luvas de Michael Jackson, os vestidos e tops da Madonna, as pinturas no rosto de Ney Matogrosso, ficaram registrados na minha mente. Mesmo não gostando de usar roupa muito colorida e maquiagem excessiva, sempre apreciei as vestimentas e o “visual” dos artistas. Durante o curso, emergiu em meus processos de criação o gosto de usar cores chamativas, brilhos e maquiagens, que eu não usava até chegar na faculdade de Dança.

Durante a caminhada do curso, fui descobrindo o gosto pelo processo de caracterização. A construção do roteiro artístico, me aproximou do colorido, que ainda não tinha descoberto em mim. Conhecendo como se faz a composição cênica, através da maquiagem, do figurino, dos acessórios, da iluminação e elementos cênicos, fui percebendo e agregando o “brilhante” e o “colorido” em minhas criações. Percebi que essa mudança aconteceu a partir da disciplina de Dança e Dramaturgia e continuou em outras disciplinas. Percebi que cada um faz as suas escolhas estéticas, e que a potência do material e o jogo trazem encantamento e magia para os trabalhos apresentados.

No sexto período cursei a disciplina de Dança e Dramaturgia, ministrada pela professora Mestra Júlia Jenior Lotufo. Momento em que as conexões entre mídias e processos de caracterização se entrelaçaram. O rodopiar da Dee D. Jackson chegou na Mulher Maravilha. Para fechar a disciplina, arrematei com a criação da “Mulher Maravilhinda”. Sempre quis usar a fantasia da Mulher Maravilha, tive a chance de criar o meu figurino na graduação em Dança. Fiz uma releitura do uniforme da Mulher Maravilha expressando a minha liberdade de criação. A capa ficou ausente, mas os giros embalaram os super poderes da personagem me levando para a realização de um sonho infantil.

As vestimentas da heroína passaram por diversas fases, que retratam tanto o estilo da época quanto uma forma de expressão da personagem. Como afirma o autor Reblin: “O uniforme do super-herói possui quatro funções básicas: delimita sua identidade de heróis; estabelece sua superioridade e intensifica seu poder; protege as pessoas próximas e as isenta

de responsabilidade; e, por último, possibilita sua liberdade e a expressão de sua personalidade” (REBLIN apud ANDRADE, 2012, p. 39 apud Hauch, p.61).

Desde a sua criação em 1941, a Mulher Maravilha passou por várias transformações em sua vestimenta. A versão da década de 1980, foi a que eu assisti pela televisão, é a que mais gosto. O uniforme que a heroína usava era composto de short azul com estrelas, um corpete vermelho, tiara na testa, botas, braceletes dourados, cordas na cintura e uma capa. Era assim que Diana girava e se transformava na personagem destemida e forte da Mulher Maravilha. Em 1995 teve uma versão bem diferente, a Super-Heroína usou short e top na cor preta e uma jaqueta azul, botas sem salto e braceletes prata. Minhas amigas de infância e eu, queríamos ser como ela, uma heroína corajosa, linda e do bem. Naquele momento, pela nossa idade, não tínhamos a noção de fazer outro tipo de análise da personagem e nem saber o que ela representava. Para a releitura da indumentária, não me preocupei em fazer uma escolha entre calça, short, saia ou vestido, o importante foi a realização de usar a fantasia da heroína, idealizada por mim.

Para a construção da imagem da personagem comprei uma calça só para usar o cinto, usei um short de stretch, uma meia arrastão, um sapato de salto modelo anabela, todos na cor preta e um body azul com detalhes em dourado. Os acessórios fui encontrando nos meus acervos; como brincos, anéis e bracelete. Para finalizar a caracterização encontrei em uma loja, adesivos de florzinha azul com dourado, que foram colados na testa como se fosse a tiara da heroína. Pensei em comprar cordas para fixar no cinto e colocar na cintura, no entanto desisti e como sempre mudo alguns detalhes antes da apresentação, fui ao prédio da administração da FEFD para procurar uma corda fina. Encontrei algumas enroladas em um círculo de plástico vermelho, era um salva vidas, que segurei em minhas mãos durante a performance. A capa ficou no imaginário.

Imagem 2 - Mulher Maravilhinda



Foto: Alex Sander

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Patrícia, 2022.

Permeou a performance, em certa medida de maneira inconsciente, dimensões que apresentavam e destacavam minha sensualidade. Depois que eu me produzi para a apresentação, gostei do resultado, fica nítido a minha alegria na fotografia acima. Desde o começo pensei em fazer a minha versão usando roupa do meu armário e não uma fantasia alugada ou comprada. Quis mostrar uma mulher poderosa, revestida de coragem e que entre outras qualidades, demonstra seu lado sensual.

Nessa personagem que escolhi para o trabalho, coloquei a minha identidade humana para trilhar o caminho heróico, com o poder de escolher ser uma mulher sensual e não objetificada. Esse trabalho possibilitou recomeços e entusiasmos na construção da minha arte e alegrou a minha vida. Foi uma oportunidade de afastar crenças de padrões de beleza. Nessa criação tive a sensação de ser a heroína, na versão Maravilhinda.

A “Mulher Maravilhinda” apareceu maquiada, mas de “cara limpa”, no sentido de estar sem medo de mostrar a sua identidade feminina e os seus gostos. Uma mulher que luta pelos os seus direitos e também por uma sociedade mais justa e igualitária. Durante a apresentação, homenageei cantores e escritores.

A performance aconteceu nas escadarias da Faculdade de Letras, por gostar de literatura, citei escritoras e escritores brasileiros, destacando alguns goianos; Bariani Hortêncio, Bernardo Élis, Cora Coralina e José J. Veiga. Nomes que não foram escolhidos para serem destaque nessas escadas, mas contaram em suas escritas, a história, a política e a cultura goiana.

Durante o ato fui subindo os degraus das escadas e fazendo pausas. Cantei a música "A maçã", de Raul Seixas e Paulo Coelho. Citei alguns nomes de cantores que compõem a minha estrada musical. Declamei os versos: "No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho", do poema; No Meio do caminho de Carlos Drummond de Andrade e a frase: "Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento" de Clarice Lispector.

Neste momento de revisitações de meus processos de criação, reconheço diferentes artistas que me influenciam e respeito, que inspiram minhas danças e performances, criando uma trama dançante entre arte, mídia e infância. Saberes, processos e dançares que receberam novos contornos nas disciplinas durante o Curso de Dança na UFG.

CAPÍTULO II

Experiências e conceitos de dança: possibilidades de ampliações

Em meu imaginário sobre dança, o percebo povoado por um poema que me foi apresentado no primário, na década de 1980, o poema de Cecília Meireles, “A Bailarina”. Poema que gerou em mim, um encantamento pelas rimas e pelo balé.

A BAILARINA

Esta menina

tão pequenina

quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
Mas inclina o corpo para cá e para lá

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina

tão pequenina

quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças².

² Poema disponível em <https://www.culturagenial.com/poema-a-bailarina-de-cecilia-meireles>.

Nessa fase infantil não tive a oportunidade de fazer aulas de balé, pois na cidade onde eu morava não tinha escolas de dança. Nunca quis ser bailarina profissional, mas sempre tive vontade de dançar usando sapatilhas de ponta.

Em 1993, aos dezoito anos de idade, mudei para Goiânia para fazer cursinho e prestar vestibular para Medicina Veterinária. Procurei escolas para a realização do desejo de aprender balé, mas os horários e os valores das mensalidades não encaixaram com a minha realidade financeira. Com o passar do tempo, o sonho de fazer uma graduação e aprender balé foram engavetados, pela necessidade de trabalhar para me sustentar.

Na fase adulta, depois de uma orientação médica para praticar uma atividade física que eu gostasse, para diminuir as minhas dores corporais e emocionais, resolvi procurar escolas que ensinavam balé e patinação artística sobre rodas, que tivessem turmas para adultos. Primeiro, fiz aulas de patinação artística, por ser no horário noturno e conciliar com o horário do meu trabalho. Aprender um pouco mais sobre patinação sobre rodas, além do deslizar, também era um sonho infantil e durante dois anos, do período de 2013 a 2015, segui fazendo as aulas, parei por motivos financeiros.

Em 2017, estava sem trabalho remunerado, então procurei o Centro Livre de Artes, situado no Bosque dos Buritis, em Goiânia, para conseguir uma vaga na turma de balé para adultos, que era ofertada no período matutino. Consegui a vaga e comecei a frequentar as aulas de balé. Um percurso com desafios, por exemplo para entender o seu vocabulário e a sua técnica. Eram somente duas aulas por semana, percebi a necessidade de procurar informações pela Internet para entender melhor sobre essa dança. Não cheguei na fase intermediária do curso, nem subi nas sapatilhas de ponta, mas participei da Mostra em Dança, que foi realizada no Teatro Goiânia em 2018, com o título Ritmos no Brasil, onde a minha turma apresentou a coreografia Bossa Nova.

Antes de sair do curso de balé para adultos iniciantes, tive a oportunidade de participar das aulas com as estagiárias do curso de Licenciatura em Dança/UFG. Lembro que conversei com a professora responsável pelo o estágio, Fernanda Almeida, e contei que eu já tinha tentado entrar para o curso de Dança/UFG na época do vestibular e que iria tentar de novo pelo ENEM. Permaneci fazendo as aulas de balé, até março de 2019, o ano em que eu entrei para a universidade.

Entrar para o mundo acadêmico, foi a realização de um sonho. E a dança que sempre foi uma paixão desde a minha infância, foi a escolha certa depois de várias tentativas para outros cursos. Tive a sorte de não precisar de testes específicos de habilidades para entrar no curso. Consegui ingressar no Curso de Licenciatura em Dança, na Faculdade de Educação

Física e Dança, da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG), através do processo seletivo ENEM/SISU em 2019, aos 44 anos de idade.

No início, senti-me um pouco insegura, por achar que fosse necessário ter um conhecimento técnico sobre alguma dança, principalmente o balé. Achei que não conseguiria acompanhar o andamento do curso, no entanto, com o tempo, percebi que o conhecimento de experiências variadas poderiam colaborar em meus processos, como por exemplo, as brincadeiras da minha infância, a participação até a adolescência na turma de teatro da Igreja e as criações coreográficas feitas em casa e outras para as apresentações na fase escolar.

No meu entendimento, o ensino da técnica de balé era o suporte para a maioria das danças e não uma preferência de aprendizado. Ao entrar no curso de Dança, percebi o quanto essa perspectiva é reducionista e aos poucos fui ampliando minhas percepções sobre dança.

Reconheço, em minha trajetória no curso de dança, que relacionei experiências pessoais e saberes acadêmicos na produção de minha dança singular. Para demonstrar parte do caminho percorrido na minha formação, reconhecendo sua importância e ampliação do conceito de dança, realizarei breves relatos de três trabalhos, mesclados com fotografia, poesia e alguns trechos dos meus diários de campo. Escolhi três disciplinas que considero significativas na intenção de apresentar outros conceitos e práticas de dança que me atravessaram a partir da formação em dança na universidade.

II.I Arte e Estética

A primeira descrição está relacionada à disciplina de Arte e Estética, ministrada pela professora Mestra Aline Serzedello Neves Vilaça, durante o semestre 2020/2, no formato de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Segue print do vídeo:

Imagem 3 - Emaranhados



Fonte: Acervo pessoal Maria Patrícia da Silva, 2021.

Na disciplina de Arte e Estética perpassamos por referências teóricas como o artigo *Da estética à poiética*, do autor René Passeron(1997), e o livro *Iniciação à estética*, de Ariano Suassuna. Percebi as leituras como complexas, mas que mesmo sem uma identificação assertiva, elas permeiam os meus processos de criação.

Compreendi que “o objeto estético, no domínio da arte e alhures, é precisamente o sentimento que os outros (sem falar da natureza) nos inspiram.” (PASSERON,1997, p.108).

No processo de criação, percebi a lembrança de uma brincadeira infantil, e a trouxe como inspiração para fazer o trabalho desta disciplina. A brincadeira era a seguinte: eu pegava a caixa de sapato que a minha mãe guardava os seus objetos de costura e a levava para o quintal, onde eu e as minhas amigas sentávamos no chão embaixo de um pé de manga. Cada uma de nós pegava uma agulha e íamos fazendo furos superficiais na palma das mãos e somente depois a linha era enfiada na agulha para refazer o mesmo caminho do túnel dos furos. Acho que fazíamos assim para ter a certeza que não ia doer. Refiz a brincadeira, agora com a intenção de performance, onde passei a agulha com a linha já enfiada, na minha mão esquerda.

A proposta feita pela professora Aline Serzedello para a turma, foi intitulada com o nome de Minuto da Estética - Performance, onde cada estudante criou uma performance, com o tema: Estética e as suas múltiplas faces, em vídeo com duração de até três minutos.

A disciplina apresentou muitas questões, sendo elas descritas no seguinte enunciado:

o que é belo, o que é bonito, bom e justo? O que é feio, ruim e mal? Será que ainda somos tão gregos e ainda fazemos estes paralelismos entre belo e bom, feio e mal? O que e como é a estética goiana? O que e como é a estética negra, indígena, LGBTQIA+ Seria a estética o campo de estudo da Arte? O que é arte? Seria a estética um conceito plural? Pode a estética ser decolonial? Qual a estética do que vivemos? Será que estas perguntas são válidas? Quais perguntas você fez durante a disciplina?

A investigação sobre Estética e suas múltiplas faces partia destas perguntas. Na proposta foi reforçada a liberdade para editar, cortar e colar o vídeo da forma que achássemos mais interessante para expressar nosso processo e entendimento sobre as discussões feitas em aulas síncronas e assíncronas.

Uma semana antes de fazer a gravação do vídeo, comprei o kit de agulhas tradicional, que vem embaladas em um modelo de cestinha. Na época do trabalho, tive a intenção de comprar o mesmo modelo de kit de costura da minha infância. Ele é familiar a

várias pessoas. Primeiro fiz o teste só com as agulhas para escolher uma e verificar se realmente não doía. Gravei o trabalho um dia antes da apresentação, fiz uma gambiarra, para fazer a filmagem panorâmica. Coloquei dois fios na grade da janela do meu quarto e os amarrei na cabeceira da cama para segurar o celular. Por não saber fazer edição das imagens e também por não querer repetir os furos na mão, a gravação foi feita em plano contínuo. Depois de fazer o teste, com a agulha e o roteiro do traçado da linha cronometrados com a música, fui assistir o vídeo da última orientação do trabalho, enviado pela professora à turma por e-mail. Fui surpreendida pelo trabalho feito em vídeo, pela artista baiana Letícia Parente (1930-1991). Em *Marca Registrada* (1975), Letícia, seguindo uma brincadeira nordestina, bordou, com agulha e linha, na planta do seu pé esquerdo, as palavras "Made in Brasil".

Antes de gravar o ritual da brincadeira infantil, passando a agulha com a linha já enfiada, fazendo furos na minha mão esquerda, eu não conhecia essa artista. Depois que o meu trabalho foi exibido virtualmente para a minha turma, mencionei a artista e contei que conheci o trabalho dela, minutos antes de fazer o meu vídeo e como foi gratificante saber que a proximidade entre os nossos trabalhos, veio da inspiração de uma brincadeira. Duas colegas do curso, disseram que na infância também fizeram essa brincadeira. Foi bom saber que essa brincadeira foi feita em outros cantos do Brasil.

As definições de estética pelo senso comum são múltiplas e a disciplina de Arte e Estética, me fez refletir sobre a construção das criações, a qualidade e as sensibilidades artísticas.

No vídeo, demonstrei o ritual da passagem da linha pelos furos da minha mão, fazendo a trama do bordado da arte e das sensações corporais. Durante a filmagem, a música "Bicho de sete cabeças" interpretada por Zeca Baleiro, composta por Geraldo Azevedo e Renato Rocha, foi a trilha sonora que escolhi para traduzir a minha percepção sobre a estética.

Destaco a frase: "Não tem pé, não tem cabeça", porque entender o conceito de estética não foi fácil, deu um nó na minha cabeça, mas compreendi e reconheci que o meu olhar e o meu pensar sobre a obra artística é que fazem a diferença no entendimento.

O vídeo foi apresentado de forma virtual no semestre de 2020/2, por causa do momento pandêmico. Sobre este trabalho escrevi o seguinte texto:

Emaranhados

A agulha faz seus furos pela mão, tecendo com a linha, os pontos dançados. A arte do corpo compõe gestos e deslocamentos, abrangendo a parte como o todo. Percebe a existência do corpo e muda o mundo pelos seus movimentos. A trama de fios no ato performativo são atos dos saberes e fazeres de fragmentos de um corpo. A arte e as suas linguagens, favorece infinitos encontros que costuram e arrematam os pontos, fazendo os nós de possibilidades e potencialidades. Dançar o entendimento, não tem cabimento, mas sim o sentimento.

Compreensões que se transformam no fazer artístico, sabendo que o conceito e discussão teórica ali estão, porém mais que eles, sigo dançando e pelo corpo em movimento, dos micros aos macros movimento, teço meus conceitos de dança.

II.II Educação Somática e Dança

A segunda descrição é da disciplina de Educação Somática e Dança, ministrada pela professora Dra. Ana Maria Alonso Krischke, durante o semestre 2020/2, no formato de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Na sequência um print do vídeo de meu processo investigativo em somática:

Imagem 4 - Meu corpo, meu reino”



Fonte: Acervo pessoal de Maria Patrícia da Silva, 2021.

Neste momento vou citar algumas percepções do corpo, do movimento e da dança, que a disciplina de Educação somática me proporcionou. Um olhar minucioso para o interno, que abre a percepção do externo. Permitindo um relaxar, o qual tenho a intenção de expressar na foto que compartilho acima. Nela as pontas dos meus pés estão encostados na parede

branca e meus joelhos estão flexionados, sentindo o encaixe do quadril e a coluna. Meus braços estão acima da cabeça, sentindo o toque sereno da luz do sol que naquele momento atravessou a janela e foi alastrando pelo meu rosto até o meio do tronco.

As relações com o corpo ambiente e contexto conduziram meus processos de investigação na disciplina. O trabalho final foi guiado por uma música que eu ouvia antes de começar a aula, a música: “Meu reino” da banda Biquíni Cavado, pois refletia sobre a privacidade em minha casa durante a pandemia da Covid-19. Compartilho na sequência uma parte da música:

[...] Minha casa é meu reino. Mas eu preciso de outros sapatos. De outras roupas, outros temperos Para formar minhas idéias e meus sentimentos Eu sou a soma de tudo que vejo E minha casa é um espelho Onde a noite eu me deito e sonho com as coisas mais loucas Sem saber porque[...] (LUZ; COELHO; LOPES; CUNHA; GOUVEIA, 1989, online).

Percebi desde o início da disciplina que devemos cuidar de nossa “casa corpo”, que é onde os pensamentos, sentimentos e o silêncio reinam. As camadas das abordagens somáticas e o encontro com a dança, usadas nessa disciplina, me deixou atenta para uma percepção integral de todos os sistemas. Posteriormente, percebi no meu vídeo feito para a avaliação da disciplina, um destaque para peles e músculos, entrelaçados a uma compreensão mais ampla sobre a minha anatomia. Uma anatomia que é experimental, sendo essa, uma prática que possibilita diálogos entre as partes corporais:

...a anatomia experimental é uma prática que possibilita experimentar os sistemas corporais e criar mapas de sensações ao se mover, sentindo os órgãos, fluídos, células, iniciando, conduzindo, participando, influenciando, alterando a experiência de movimento e de ser corpo. (ABRÃO, 2022, p. 116).

Através da investigação do soma, percebi que os meus movimentos imagéticos, que para mim é uma viagem sensitiva feita pelo o interior do meu corpo, criam percepções internas e externas do corpo em movimento. Trouxe esse encontro dos movimentos internos com os externos para a minha dança e com essa auto-observação consegui fazer deslocamentos mais sutis. Estabelecendo essa conexão entre as estruturas corporais, aprendi de forma descontraída, caminhos possíveis para a construção sequencial de gestos e relaxamento do corpo. Esse processo de descobertas corporais sensitivas, solidificou a essência da minha dança, confirmando a complexidade de se ser soma.

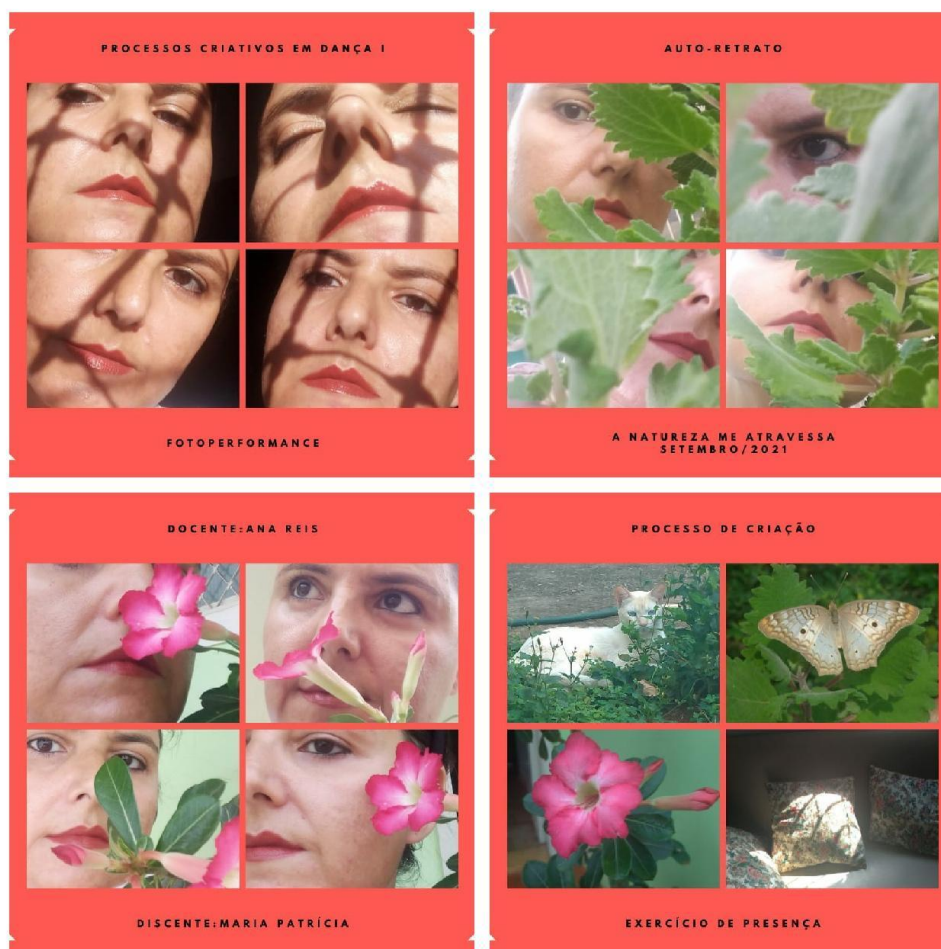
Concluindo, compartilho trechos de meus escritos sobre o processo de fazer o vídeo desta disciplina, o qual intitulei: Meu corpo “Meu reino”.

No chão do meu quarto, meu refúgio durante a pandemia da covid-19, sinto o toque sereno do sol em meu rosto. Nesse momento relaxante investigo em meu corpo que é a minha primeira casa, abordagens feitas durante a disciplina de Educação Somática e Dança. Uso o mesmo collant preto da época que fazia balé, começo a filmagem, que foi feita em meu celular que está pendurado em um suporte atrás da porta do quarto. Depois sigo com o celular nas mãos filmando acima da minha cabeça enquanto rodo em círculo pelo meio do quarto, finalizo o vídeo de costas para o espelho mostrando o meu vai e vem corporal.

II.III Processos Criativos em Dança I

A próxima descrição é da disciplina de Processos Criativos em Dança I, ministrada pela professora Dra. Ana Reis Nascimento, durante o semestre 2021/1, no formato de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Na sequência apresento uma série de fotoperformances de meu processo investigativo na disciplina supracitada:

Imagem 5 - Auto-retrato



Fonte: Acervo pessoal de Maria Patrícia da Silva, 2021.

Antes de concretizar o trabalho de fotoperformance da disciplina de Processos Criativos em Dança I, foi realizado o exercício de presença. Um momento de percepção do

espaço-ambiente, do espaço-corporal e suas sensações. Uma presença performativa, pois como anuncia o historiador suíço Zumthor:

Pelo menos, qualquer que seja a maneira pela qual somos levados a remanejar (ou a espremer para extrair a substância) a noção de performance, encontraremos sempre um elemento irreduzível, a ideia da presença de um corpo. (ZUMTHOR apud ZAMITH, 2010, p.514).

No processo desta fotoperformance, reproduzi as percepções obtidas, ao sentir a presença da sombra das grades da janela no meu rosto como na almofada, a camuflagem do meu rosto entre as folhas como o gato e o reconhecimento do espaço como a borboleta.

Criei interações decorativas com a flor do deserto. Senti-me presente nesse registro fotográfico, capturando movimentos que se transformaram em uma dança embalada pela natureza.

Essas sensações de pertencer ao ambiente e de estar presente me proporcionam serenidade em meu dia a dia. A grandiosidade e a beleza da natureza permeiam minha essência, e fotografá-la enaltece minha existência.

Durante o curso, construí atos performáticos inspirados na minha relação com a fotografia e a natureza. Percebo que as paisagens naturais que capturo com meus olhos durante minha rotina diária, abastecem meu espaço interno. Atenta aos detalhes do mundo, busco conforto para não me desanimar com a repetição cotidiana. Ao construir minhas performances voltadas para a natureza, percebi que os ensinamentos dos meus pais sobre ela, foram importantes em minha jornada acadêmica. Registrar momentos na tentativa de congelar o tempo faz-me refletir que, no futuro, ao revisitar essas imagens, conseguirei despertar sensações dos instantes mágicos vividos. Embora a fotografia não capture totalmente a memória dos acontecimentos, ela registra uma história que será lembrada parcialmente ou recontada de maneira diferente.

Na proposta do exercício de presença, fotografei com o meu celular, animais, flores, insetos, plantas e sombras em diferentes ambientes da casa. Entrelacei esses momentos com minha presença. Transitando por registros tanto do espaço externo quanto de mim mesma.

Essa experiência permitiu que eu me reconectasse com a fotografia, devolvendo-me o desejo de fotografar e ser fotografada. Fotografei mais de trezentas imagens para chegar ao resultado final da montagem da fotoperformance. A fotografia fez parte do meu cotidiano, quando trabalhei em uma empresa fotográfica por vinte e três anos. Desempenhei diversos cargos na empresa e fiz um curso básico de fotografia na era analógica com o objetivo de me

tornar uma fotógrafa profissional, mas acabei não seguindo essa carreira. Hoje, a fotografia é um hobby para mim, e mesmo quando não tenho um dispositivo para fotografar, capturo imagens com os olhos da minha alma e imagino o "clique" no melhor ângulo. A experiência de trabalhar com fotografia me proporcionou conhecimentos que contribuíram para a elaboração de trabalhos acadêmicos como este. Quando ingressei no curso de Dança, não imaginava que os conhecimentos dessa área poderiam contribuir para minha formação. Perceber essa influência da fotografia na minha expressão performativa trouxe um olhar mais detalhista sobre a criação e a expressão.

O meu dançar é fotográfico
penso no enquadramento do espaço
na respiração diafragmática
na velocidade do tempo
na exposição da luz.

A união da fotografia com a performance neste trabalho foi gratificante e desafiador, por performar e capturar as minhas imagens ao mesmo tempo. Escolhi o enquadramento fotográfico em close, o qual permitiu experienciar ambos os lados, performer e fotógrafa, com diversas exigências de movimentos corporais nesta espécie de duplo acontecimento. Certamente um conceito complexo de ser vivido, pois como aponta Neves:

Uma fotoperformance se estabelece como um trabalho performático autônomo, desvinculado do objetivo documental que o registro fotográfico possui. Neste caso a fotografia não é documento, mas o meio específico de apresentação pública da performance. Ela é entendida como uma performance, pois, embora o objeto artístico configure-se como imagem fotográfica, ele está centrado no corpo do artista, que no momento da captura da imagem esteve a performar diante da câmara. A fotografia é a finalidade da concepção da performance, criação está elaborada em função do dispositivo fotográfico. (NEVES, 2012, p. 3).

A fotografia traz em si temporalidades múltiplas, e que nesta relação com a fotoperformance reafirmam um certo presente, a presença do artista, vivido no passado, no momento da performance. As relações com as performatividades neste processo de criação ficaram evidentes pelas relações da presença, percebida desde o início na condução dos processos feitos pela professora Ana Reis.

As relações com a performatividade fazem parte dos meus processos criativos e existenciais. Durante o curso de Dança, descobri ser uma performer e a relação arte-vida está presente nas minhas criações em vídeo, fotografia, improvisação e escrita. Meu corpo

performático esteve presente em todos os momentos da graduação, apresentando minhas experiências e vivências artísticas.

CAPÍTULO III

A INTUIÇÃO

É saber sem entender

É acreditar desconfiando

É uma energia cósmica

É um flash do universo

É a soma das sentimentalidades

É o despertar das emoções

É o sussurro da inconsciência

É o uivo das percepções

É o catalisador das sensações

(É o espiral das encarnações)

(É a dança adormecida)

(É a vivência não vivida)

III.I Saber sem entender

Início a minha escrita sobre intuição com um poema feito por mim, no qual apresento as várias percepções que tenho sobre a intuição. Sendo este conceito complexo, pois cada indivíduo tem uma percepção sobre esse enigma.

Acompanhando autores que debatem esse tema, cito, Goldberg, a qual afirma que essa palavra:

Derivada do latim *intueri*, que tem sido traduzido por “considerar”, “ver interiormente” e “estudar ou contemplar”, a palavra intuição significa diversas coisas para diferentes filósofos, psicólogos e leigos, mas o sentido básico do termo é

apresentado na definição do dicionário: “O ato ou faculdade de conhecer diretamente, sem o uso de processos racionais. (GOLDBERG, 1983, p. 26-27).

É através da manifestação da intuição que vem um suposto entendimento. O intuído, usa essa manifestação, para fazer algumas escolhas na vida, se é nato ou não, é difícil afirmar. No entanto, a intuição só é validada por aqueles que acreditam serem guiados por ela.

O seu sopro aparece como se fosse um “flash”, fornecendo uma chama de luz que estimula criações e decisões. Esses sinais significativos, que não são entendidos, apenas sentidos, fazem parte do nosso inconsciente mas transitam pelo nosso consciente, acionando os nossos saberes e colocando as nossas faculdades em ação. Também percebo essas reflexões nos escritos de Jung:

Sendo a intuição, sobretudo, um processo inconsciente, é muito difícil definir conscientemente sua essência. A função intuitiva está representada por certa atitude de expectativa, por um intuir e atribuir em que somente o resultado posterior poderá demonstrar o que é que foi percebido. (JUNG, p. 426-427).

O intuído, quando tem uma ideia e verifica que essa já existe, percebe a existência de um relacionamento atemporal com o Universo. Me vejo como uma pessoa intuitiva e declaro que não sei explicar de onde vem a intuição, só sei que percebo a luz dos seus sinais. Acredito que o seu processo, ocorre com a união das energias cósmicas. Sentir a intuição não é privilégio de alguns, quem acredita e fica atento, percebe a sua orientação ou revelação. Nos meus anos vividos, fui guiada em algumas escolhas da minha vida pessoal e também na construção dos meus processos criativos na graduação em Dança.

III.II A intuição no processo criativo “Fé”

Sei que todos nós temos uma antena intuitiva, mas nem todas as pessoas tendem a dar ouvidos aos seus sinais. No percurso da graduação em Licenciatura em Dança, captei a radiofrequência da minha intuição, para ser minha aliada na criação dos meus processos artísticos.

Para demonstrar uma fração da minha intuição, vou descrever o trabalho apresentado na disciplina de Metodologia de Ensino e Pesquisa em Dança II, ministrada pela professora Dra. Renata de Lima Silva. A disciplina foi ofertada no formato de Ensino Remoto Emergencial (ERE), por causa do momento pandêmico, no segundo semestre de 2021. O trabalho foi direcionado por uma pesquisa que envolvia minha ancestralidade. Para a criação do trabalho, trouxe a memória dos meus pais, Júlia e Cândido. Minha mãe gostava de cantar e o meu pai tocava bandolim, eles eram muito alegres e gostavam de participar de eventos

populares da comunidade. Do objeto escolhido, uma Bíblia, um presente que eles me deram quando completei dezesseis anos de idade, fiz três laboratórios em vídeo. Escolhi o nome, Fé, para o trabalho apresentado em vídeo no final da pesquisa. Na primeira investigação, filmei uma vela acesa, observei a intensidade e a leveza da chama. A chama que representa a Fé, o fogo que aumenta e diminui, mas que sustenta e ilumina o caminhar. A dança da chama da vela, desdobrou a sua leveza em eixo e as suas cores em níveis.

No segundo laboratório, gravei o vídeo no jardim de casa, ao som dos passarinhos. Escolhi o elemento terra para somar na história dos meus pais. Eles mudaram de Minas Gerais para Goiás, em busca da realização do sonho de comprar uns palmos de terra e ter uma vida melhor. Não conseguiram comprar, mas seguiram trabalhando em terras de outras pessoas no município de Itaberaí, até se mudarem para essa cidade, onde continuaram a ser lutadores incansáveis pelas igualdades sociais. A escrita que fiz para o laboratório sobre o elemento foi: A terra que faz brotar os alimentos e sacia a nossa fome permitindo a nossa sobrevivência, é disputada pela ganância dos homens. Essa terra que floresce e enfeita os nossos dias é a mesma que nos acolhe na hora da morte.

A orientação para o terceiro laboratório, foi fazer uma pesquisa sobre a “Cultura do meu lugar”. Apresentei a manifestação cultural do Zé Pereira, que acontece na cidade onde nasci, Itaberaí. Essa manifestação antecede quinze dias do carnaval. Acompanhei esse acontecimento desde a infância até a adolescência, ia atrás do cortejo, a pé ou de bicicleta. Quando não seguia a manifestação, ficava na porta da minha casa para vê-los passar. Sentia muito medo das máscaras, mesmo sabendo que meu irmão estava por trás de uma delas e um amigo da família, era responsável pela condução dos mascarados. Lembro que nessa época os brincantes colocavam máscaras assustadoras, usavam diferentes vestimentas e saiam saltitando ao som do batuque pelas ruas da cidade, mexendo com as pessoas que os acompanhavam e também com as que ficavam nas portas das residências. Para demonstrar esse costume pré-carnavalesco, usei a saia da apresentação do frevo, ao som da marchinha “Até quarta-feira” de Humberto Silva e Paulo Sette. Segue o registro dos três laboratórios e a imagem do Zé Pereira de Itaberaí:

Imagem 6



Fonte: Acervo pessoal de Maria Patrícia da Silva, 2021.

Imagem 7



Fonte: Instagram, 2019.

Para gravar o trabalho final, tracei um roteiro para ser filmado na minha Cidade Natal, Itaberaí, o seu nome significa Rio das Pedras Brilhantes, fica a 90 km de distância da Capital Goiana. Escolhi o meu figurino de bailarina, que foi usado na apresentação “Bossa Nova”. Escolhi a música do cantor Cartola, “Preciso me encontrar”, que ia ser inserida na edição. A partir da letra e ritmo da música, segui fazendo os movimentos pelas ruas. Fui fazendo a direção das cenas. A filmagem começou pelas escadarias da Igreja São Sebastião, no centro da cidade, Igreja a qual fui batizada, crismada e ia às missas aos domingos. Desci pela praça principal, Balduino da Silva Caldas, coloquei os meus pés nas águas da “Fonte luminosa”, enquanto sentia o vento levantar as camadas de tule do meu vestido. Passei pela Igreja da Matriz que fica na praça com o mesmo nome e de onde sai o andor da procissão do Nosso Senhor dos Passos na quaresma. Foi na praça da Matriz, que a cidade foi fundada e teve o nome, Curralinho. Entrei correndo por essa praça, recordando a Festa de Agosto, que é uma quermesse em louvor à Nossa Senhora D’abadia e São Benedito. Durante todo o percurso das filmagens, vieram as memórias infantis. Prossegui, observando os casarões, os quintais com jabuticabeiras e os pastos verdejantes, que pareciam ser enormes aos olhos da criança que outrora fui e agora ficaram pequenos. Para fechar as filmagens, entrei nas águas do Rio das Pedras Brilhantes, nome que batizou a cidade. Somando o tempo gasto, foram quatro horas de gravação debaixo do sol. Durante o trajeto foi interessante perceber os olhares dos passantes e seus comentários. Perguntaram se era meu aniversário, pronunciaram que estava bonito e quando falei que era um trabalho da faculdade, uma das pessoas expressou, que legal.

No dia em que fui pegar a orientação com a professora Renata Lima e mostrar as filmagens do meu trabalho, ela disse que gostou, mas que as mesmas ficaram distantes da proposta da minha pesquisa, por causa da escolha que fiz do figurino de balé e da música. Apontou que apresentei em meus laboratórios e nos encontros das aulas, um caminho de criação fiel a identidade dos meus pais, e isso não apareceu na construção da narrativa audiovisual. Para continuar o trabalho ela sugeriu que eu escolhesse outro figurino e outra música. Percebendo que tinha saído fora do contexto da pesquisa, usando uma vestimenta e escolhido uma música que não representava a história dos meus pais, mudei a rota.

Depois do encontro com a professora Renata Lima, que sugeriu a música Procissão, composta por Gilberto Gil, fiz a escolha da interpretação gravada pelo dueto de Luiz Gonzaga e Chico Buarque. Em minhas composições coreográficas, quase sempre começo a criação pela música. Então, depois da escolha musical, o próximo passo foi escolher o figurino. Nenhuma das opções que vinham em meu pensamento estava encaixando na proposta. Deitada em minha cama, olhando para o guarda roupa, sem saber qual roupa usar, pela

intuição cheguei na saia que usei na apresentação da dança popular coco em 2019, na disciplina de Corpo, Movimento e Música, que também foi regida pela professora Renata Lima. Logo depois, procurei uma blusa que combinasse com a saia, e não encontrei. Daí a intuição voltou a me guiar, percebi uma possível transformação da saia feita com elástico no cós, virar um vestido tomara que caia.

E a próxima etapa foi criar as células coreográficas. Sem tempo para voltar à minha cidade e sem ter uma pessoa para me ajudar, filmei no quintal de casa, em Goiânia. Fiz a filmagem um dia antes da apresentação. Comecei a gravar no final da manhã, coloquei a música no computador e o celular na janela para gravar, fui escutando a toada do arranjo musical e encaixando movimentos livres. Inventando a coreografia, a intuição veio como uma lâmparina, iluminando os meus passos dançantes. Fui intuída, a trazer alguns gestos, dos princípios das matrizes afro-brasileiras da bailarina e coreógrafa Mercedes Baptista, estudada na disciplina de Fundamentos da Dança Moderna com o professor Dr. Alexandre Donizete Ferreira. Alguns dos gestos inspirados pela artista foram: mexer os ombros para a frente e para trás e balançar os braços de um lado para o outro, conhecido como “amola faca”. E para incrementar a coreografia, peguei algumas palavras da canção, como na frase: “se arrastando que nem cobra pelo chão”, fiz os movimentos no plano alto, arrastando os pés de um lado para outro pelo chão, enquanto sacudia os ombros. Também improvisei com movimentos do cotidiano. Filmei mais de vinte vezes, escolhi a última filmagem. A filmagem tinha que ter sincronia entre o tempo, os movimentos e a harmonia da música. Porque o vídeo não teria edição por eu não saber editar e por não ter dinheiro para pagar um profissional para fazer.

Reconheço os dois processos, o realizado em minha cidade com a roupa de bailarina e o segundo em minha casa com a saia que virou vestido, como importantes para o meu processo de criação, compreendi que no primeiro abandonei o que tinha feito nos laboratórios, no entanto fez sentido na minha formação como artista. A mudança do figurino, a troca da música e a falta de tempo, exigiu um refazer do trabalho em uma espacialidade diferente, mas trouxe conhecimento para o meu aprendizado. Entendi que a construção de um roteiro deve manter a narrativa e os elementos têm que se relacionar para uma finalização coerente com o tema. Percebi a importância desses dois momentos, por isso trago as fotos dessas duas ocasiões.

Imagem 8 - Fonte luminosa - Primeira filmagem



Foto: Maria Cristina da Silva
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Patrícia, Itaberaí, 24/10/2021.

Imagem 9 - Fé



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Patrícia, 10/11/2021.

Dois trabalhos de um mesmo processo, ambos atravessados pela memória, um permitindo um fluir que abandonou as investigações, outro que reconhece os elementos trabalhados e segue guiado pela intuição para a finalização.

III. III Caminhos intuitivos no processo de “A natureza que nos Re(veste)”

Chegar na graduação e perceber que os meus saberes são valorizados, me ajudou na construção dos meus processos criativos. Acreditar que a minha vivência poderia ser transformada em arte, foi imprescindível nesse caminhar. Entender a minha autonomia no meio acadêmico, depois de ter estudado em muitos cenários que reforçam uma “educação bancária”, fez a diferença em me escutar, perceber meu corpo e as relações com o ambiente, entre elas ressaltar as relações com a natureza, também apreendidas com meus pais.

Das lembranças infantis emergiram elementos que foram transformados em processos criativos durante a formação em Dança. Agarrei-me ao meu passado infantil para agregar na construção dos meus processos criativos. A insegurança que eu tinha pela falta de uma técnica em dança, foi transformada em criações intuídas. Esta maneira de criar foi fortalecida durante o curso juntamente com as minhas memórias que foram peneiradas e remontadas para o formato artístico.

Das recordações, destaco as lembranças de uma fase em que morei em uma chácara e pude conviver de mais perto com a natureza. Lembro que subia no pé de goiaba e no balançar dos seus galhos, dançava com o vento, corria pela terra arada pisando em seus torrões, pulava o “corguinho de ré”. Dessa vivência, aprendi a valorizar e respeitar a natureza. E chegar nessa graduação, estudar as relações do nosso corpo com a natureza, foi gratificante. Da junção dos meus saberes e os conhecimentos da academia validei a importância dos cruzamentos interdisciplinares no desenvolvimento dos meus processos criativos.

As relações com a natureza foram múltiplas e neste momento perpasso por lembranças do espetáculo de Ateliê intitulado “A natureza que nos (Re)veste” o qual considero que foi um espetáculo lindo, com energias vibrantes. Apresento a parte que eu colaborei na escrita do release feita pelo coletivo:

Das reentrâncias humanas,

Nasce o avesso da sua vestimenta,

Que transmuta os elementos e

Deságua em um só movimento

Chamado Vida.

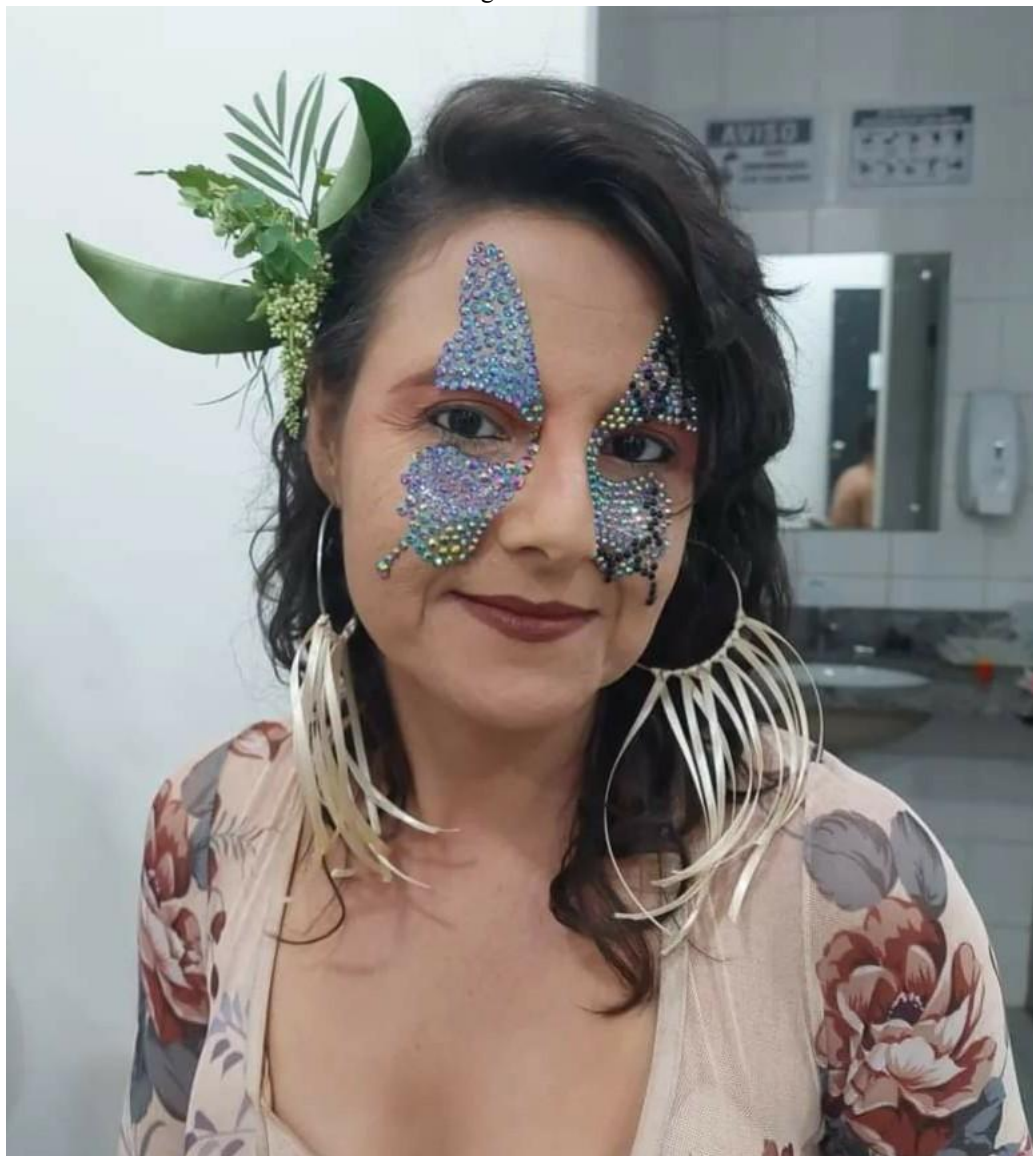
O clima e a própria natureza alteraram a proposta de minha dança no espetáculo A natureza que nos (Re)veste. Precisei alterar o espaço que ocorreria a proposta cênica, que

inicialmente ocorreria do lado externo do CCUFG para o Teatro. A performance aconteceria embaixo da árvore gameleira, com cantoria e declamações de poemas. Porém, devido aos riscos de chuvas, transferimos o trabalho para o teatro, tivemos que reconstruir o trabalho. No caminho de volta da universidade, sentada em um dos bancos do ônibus, estava pensando o que eu e a minha dupla de cena, íamos escolher para dançar na apresentação do espetáculo. Enquanto ouvia uma plataforma musical, por uma coincidência que digo intuitiva, apareceu as descobertas musicais da semana. Fui pulando as faixas e parou em uma canção que eu não conhecia, “O sopro do fole”, composta e interpretada por Zeca Veloso. Essa música soprou o meu coração e minha alma e foi com ela que finalizei a etapa de criações do curso. Quando falo coincidência intuitiva, é porque na introdução deste trabalho, cito alguns instrumentos musicais que fizeram parte do meu caminho dançante. E a sanfona, com o seu fole que se abre como um leque, é o instrumento que eu mais gosto. Não imaginei que a música da criação final do curso seria regida pelo sopro da intuição.

Outro elemento cênico que foi impulsionado por minha intuição foram os meus adereços. Durante o curso, repeti algumas vezes que eu gostaria de fazer uma apresentação com uma pintura de borboleta no meu rosto, igual aos dos intérpretes que cantavam com o rosto pintado em um programa de televisão na década de 1980. A pintura não aconteceu, mas adentrei em uma loja onde fui procurar um arranjo para o cabelo, que seria usado no espetáculo de Ateliê, e deparei com adesivos de borboletas para contornar os olhos. Entendi que fui guiada pela frequência intuitiva e o sonho de usar borboletas no rosto foi realizado no ato final do curso, mesmo sendo de outra textura. Tive que comprar duas cartelas, para dar certo a montagem dos dois lados com as pedras brilhantes, pois nos outros lados as borboletas foram feitas no adesivo fosco.

Esse trabalho foi bastante emocionante, foi um processo coletivo construído nas disciplinas de Ateliê I e II, ministradas pelas professoras Ana Alonso e Ana Reis. Customizei os meus brincos, entrelaçando as fitas em suas argolas e nas mangas do collant costurei franjas para esvoaçar durante a cena do elemento Ar. O arranjo do cabelo deixei para decidir no local da apresentação, levei o que eu tinha comprado, mas estava com dúvidas se ia fazer uma trança e colocá-lo ou se ia optar por outro modelo de penteado. Enquanto estava dando uma arejada ao redor do espaço da apresentação, comecei a olhar as plantas e a voz da intuição veio. Fiz um enfeite natural para o meu cabelo, com folhagens colhidas no jardim do CCUFG e com um cachinho de flor branca que estava pendurado em meio às outras variedades no cenário que compunha a cena do Ar.

Imagem 10 - Ar



Fonte: Acervo pessoal de Maria Patrícia da Silva, 2023.

O perceber do espaço e da natureza, observar amplamente sem o controle do que está a nossa volta, perceber os sinais do mundo, fazem com que meu processos ocorram, criações que são intuitivas, que são guiadas pelos encontros com memórias, sonhos, imaginários, ancestralidades e fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A performer adulta encontrou com a performer criança que estava alojada na memória e a trouxe para reinventar as suas performances no caminho acadêmico. Relembrei o meu repertório infantil e fiz combinações para os meus processos criativos. O enfoque foi desenvolver ações autênticas, com o que eu tinha de conhecimento e não com o que eu achava que me faltava. O rodopiar esteve presente desde o começo da graduação em várias criações. As performances infantis que ficaram aderidas na memória do meu corpo ressurgiram através das minhas intuições para fazer combinações nos meus repertórios criativos. Busquei os modos de ser e estar presente no meu imaginário.

Perceber e valorizar que sou uma intérprete criadora, me fez enfrentar o processo criativo com mais leveza, respeitando as etapas sem as cobranças da perfeição, apenas aceitando o convite para celebrar o momento de forma profunda e consciente. Como um momento que não se repete, mas que tem continuidade nos possíveis desdobramentos do trabalho artístico.

Em minhas criações, ativei a minha memória infantil, usei a minha percepção intuitiva, obtive entendimento dos conceitos básicos dos fundamentos teóricos e práticos. Enfrentei desafios tecnológicos e tantos outros. Para mim, fazer uma graduação na fase adulta, gerou um sentimento de esperança, para que outras pessoas também consigam.

A prática norteou as minhas sensibilidades no percurso dançado dessa formação acadêmica. Percebi o meu corpo ao som da música, das pausas, ao sentir os cheiros, ao observar as cores, as formas do ambiente e ao entrar em contato com outros corpos dançantes. Esses encontros emergiram em mim, os desejos artísticos, que foram embalados pelas relações, corpo-natureza, corpo-memória, corpo-mídia, corpo-história, corpo-intuição e corpo-troca.

As recordações foram se encaixando na elaboração dos meus trabalhos, permitindo que o meu voo não entrasse em pane. Pousei em uma infância feliz e trouxe imagens de momentos mágicos. A Dança, a Vida e a Arte caminharam de mãos dadas, uma alimentou a outra nas criações que realizei durante a graduação em Dança. A vida forneceu os ingredientes e dessa mistura, a arte desenvolveu receitas, com aromas, cores, sabores e texturas.

A vida rotineira muitas vezes gera exaustão e a arte vem para lembrar a vida, que existem várias maneiras, de aliviar as tensões, de expressar as emoções, acomodar as feições e fazer ações. Perpassando o tempo, o vento e o movimento, imagens de outrora e fotografias de

agora. Memórias reveladas em escolhas que eu mesma demorei algumas vezes em identificar. Danças permeadas por intuições e práticas incertas. Técnica resplandecente de movimentos da vida em seus ensaios contínuos.

Os processos criativos e os saberes dos elementos cênicos foram ganhando contornos em cada disciplina e finalizo este memorial descritivo compartilhando um trecho de meu diário de bordo na disciplina de Dança e Dramaturgia, ministrada pela professora Júlia Lotufo, trecho que anuncia a complexidade do fazer artístico:

RETICÊNCIAS

O corpo falante, segue performante, guiando os militantes em suas lutas constantes
 O autoconhecimento desperta sensações, interagindo os corações, buscando ações
 Histórias, memórias, ancestralidade, mistura singularidades e propõe coletividade
 A trajetória dos saberes, forma e transforma visões contra os poderes opressores
 A fala, a escuta e a labuta, em seus espaços ocupam, as suas identificações absolutas
 Mulheres guerreiras, representantes de tantas outras, que atravessaram fronteiras
 Cora Coralina, Musa Michelle Mattiuzzi.....
 A potência da Arte como liberdade, identidade, expressividade e responsabilidade
 Presenças, ausências, emergências, interferências, fazem a diferença na sua existência
 (R) existência.....

Maria Patrícia
 Dezembro/2021

REFERÊNCIAS

ABRÃO, E. **Tudo começa quando explode: experiências de silêncios do movimento**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas: 2022.

GOLDBERG, P. **O que é INTUIÇÃO e como aplicá-la na vida diária**. Trad. ALMEIDA, Robert Socio de, e OLIVEIRA, Paulo César de. São Paulo: Cultrix, 1983.

HAUCH, E. **Mulher-Maravilha: Uma jornada por suas re(a)presentações**. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de título de bacharel em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2017.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. Trad. CABRAL, Álvaro. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MACHADO, M. M. **A Criança é Performer**. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 35, n. 2, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11444>>. Acesso em: 18 jan. 2024.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. São Paulo: Global Editora, 2020.

NEVES, D. **Performance e Registro: A produção performática de Claudia Paim**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 144. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/5223/NEVES%2c%20DANIELE%20QUIROGA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> . Acesso em: 8 nov. 2023.

PASSERON, R. **Da estética à poiética**. PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 15, abr. 2012. ISSN 2179-8001. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27744/16346>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. ePub. 1.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

TOMAZZONI, A. **O zoológico dançante da TV: lacraias, cachorras, tigrões e outros bichos**. In: Lições de Dança 5. p.39-53. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2005.

ZAMITH, A. **Um olhar sobre a performance musical a partir do pensamento de Paulo Zumthor**. In: XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM). Salvador: 2008.

SITES

CAPA LP:

https://www.discogs.com/pt_BR/release/1173639-Dee-DJackson-Automatic-Lover/image/SW1hZ2U6Mze3MTE1MTU=> . Acesso em 18 jan. 2024.